

## Breves considerações sobre o conceito de “família” abordado nas eleições de 2018: uma análise das narrativas<sup>1</sup>

Brief consideration about the concept of “family” addressed in the 2018 elections: an analysis of narratives

Breves consideraciones sobre el concepto de “familia” abordado en las elecciones de 2018: un análisis de narrativas

### André Felipe Rosa<sup>2</sup>

 <https://orcid.org/0000-0003-2319-113X>

 <http://lattes.cnpq.br/3361155786236088>

Universidade Católica de Brasília, DF, Brasil

E-mail: andrepol@gmail.com

### Maria Alexina Ribeiro<sup>3</sup>

 <https://orcid.org/0000-0003-2480-4225>

 <http://lattes.cnpq.br/0105178485100219>

Universidade Católica de Brasília, DF, Brasil

E-mail: alexina@solar.com.br



## Resumo

*O presente resumo estendido tem como foco o discurso sobre a “família” utilizado nas eleições presidenciais brasileiras de 2018. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, de objetivo exploratório e procedimento documental, com utilização de fonte primária. Para coleta do material de análise, foram levantados todos os vídeos de Jair Bolsonaro no período de 2017 ao final do segundo turno das eleições presidenciais de 2018.*

**Palavras-chave:** Eleições 2018. Teoria Sistêmica. Família Tradicional. Diversidade.

## Abstract

*This extended summary focuses on the discourse on the “family” used in the 2018 Brazilian presidential elections. To compile the analysis material, all the videos of Jair Bolsonaro since 2017 were compiled until the end of the second round of presidential elections in 2018.*

**Keywords:** Elections 2018. Systemic Theory. Traditional Family. Diversity.

<sup>1</sup> A revisão linguística foi realizada por André Felipe Rosa

<sup>2</sup> Cientista político graduado pela Universidade de Brasília, Mestre em Psicologia pela UCB e especialista em relações institucionais pelo Ibmec/DF.

<sup>3</sup> Graduado(a) em Xxx. Pós-doutorado em Psicologia na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto/Portugal. Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília (1981), mestrado em Psicologia Social e da Personalidade (1987) e doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade de Brasília (1996). Tem especialização em Psicoterapia Conjugal e Familiar e Psicoterapia Sexual. Foi professora nos Programas de Graduação, Mestrado e Doutorado em Psicologia e no Curso de Especialização em Psicologia Jurídica da Universidade Católica de Brasília, onde supervisionou estágio, orientou trabalhos de final de curso e pesquisas de mestrado e doutorado e coordenou projetos de pesquisa na linha de pesquisa “Sistemas conjugais e familiares”, de 1998 a 2019.

## **Resumen**

*Este resumen extendido se centra en el discurso sobre la “familia” utilizado en las elecciones presidenciales brasileñas de 2018. Se trata de una investigación cualitativa, de carácter aplicado, con objetivo exploratorio y procedimiento documental, utilizando fuente primaria. Para recopilar el material de análisis, se recopilaron todos los videos de Jair Bolsonaro desde 2017 hasta el final de la segunda vuelta de las elecciones presidenciales de 2018.*

**Palabras clave:** Elecciones 2018. Sistemas Familiares. Teoría Sistémica. Familia tradicional. diversidad.

## **Introdução**

A eleição presidencial de 2018, no Brasil, foi considerada por muitos analistas e psicólogos políticos amplamente atípica. As redes sociais foram preponderantes na obtenção de votos, e estratégias recentes, a despeito dos recursos de campanha para gastos com publicidade e pagamento de recursos humanos, tal como tempo satisfatório na televisão e na rádio, não se mostraram tão relevantes, a exemplo de outras eleições. Apesar das mudanças de paradigmas no que refere às estratégias de publicidade e coordenação de campanhas políticas, o marketing político não faz parte do foco de pesquisa deste ensaio.

A maximização de usuários nas redes sociais, incluindo pessoas mais idosas, fortaleceu os candidatos que tinham maior alcance tecnológico e grande volume de seguidores em redes como facebook, twitter e instagram. Assim, a eleição de 2018 rompeu com um velho modelo de marketing político, baseado em mídias televisivas e recursos vultosos de campanha. Apesar dos avanços positivos em relação à captura de informações nas redes sociais, esta abriu um precedente nocivo à democracia quando a informação passou a se transformar em fake News<sup>3</sup>

- o que afeta diretamente a forma como os eleitores enxergam os candidatos e concebem as suas ideias.

Um bom exemplo de boatos na internet foi a propagação de discurso de ódio contra o Programa Escola sem Homofobia, projeto idealizado por Fernando Haddad, à época ministro da educação no governo da presidente Dilma Rousseff, e representante do Partido dos Trabalhadores (PT) à presidência da república pelo Estado de São Paulo. A campanha de Bolsonaro apelidou o Programa Escola sem Homofobia como “kit-gay do Haddad”. O referido projeto buscava defender e ensinar as crianças a conviverem com a diversidade no ambiente escolar; entretanto, este projeto foi desvirtuado e se tornou o principal alvo de ataques à candidatura petista pelo candidato do PSL, ao acusar o ex-ministro de tentar, deliberadamente, retirar a inocência das crianças, levando-as à libertinagem, ao comportamento contrário ao que pensa o movimento da igreja e os grupos tradicionais. Apesar de toda a polêmica, o manual a que Bolsonaro se referia não teve a sua produção concluída, tampouco foi veiculada nas escolas.

O debate político em 2018 mostrou insuficiência em relação a temáticas multivariadas, a respeito de temas econômicos, políticos e sociais, direcionando a campanha para o modal familiar tradicionalista, privilegiando os valores pentecostais<sup>3</sup>, em detrimento de outras crenças, tais como as religiões de matizes africanas e espiritualistas. Ou seja, a família heteronormativa e o conservadorismo ganhou o foco do núcleo discursivo de Bolsonaro, que veio a se eleger no segundo turno.

O resultado final da eleição evidenciou a quantidade de políticos consagrados que viram as suas carreiras políticas serem interrompidas face a uma busca por supostos outsiders<sup>3</sup> fora do stablishment<sup>5</sup> político, visando uma possível renovação na classe política brasileira. A exemplo, após duas décadas no parlamento, o presidente do Senado Federal, senador Eunício Oliveira (MDB-CE), perdeu as eleições, anunciando o fim da sua carreira política. Também perdeu mandato o ex-senador Roméro Jucá (MDB-RR), após 24 anos no Congresso Nacional – um dos articuladores mais experientes. Por fim, Dilma Rousseff (PT- MG), eleita duas vezes para o cargo de presidente da república, perdeu as eleições para o senado, entre outros candidatos marcados por corrupção que viram suas candidaturas esvaírem-se.

O que chamou a atenção para a construção deste artigo foi a narrativa do presidente eleito em torno da família tradicional, classificada como heteronormativa, formada por pai, mãe e prole, mas se verificou inexpressivo o discurso frente a propostas para outras modalidades familiares existentes, e o debate em torno da diversidade, algo que vem sendo cada vez mais discutido, inclusive por governos anteriores. A defesa da família tradicional, e o aceno ao pentecostalismo frente à agenda de governo foi considerado por muitos uma das maiores bandeiras do representante fluminense nas eleições. Constitui objetivo deste estudo analisar o discurso sobre os temas relacionados à família que foram empregados nas eleições presidenciais brasileiras de 2018, pelo presidente eleito, Jair Messias Bolsonaro (PSL-RJ). Como base teórica, serão considerados os conceitos da teoria sistêmica da família no contexto da Psicologia.

## **SISTEMAS FAMILIARES**

Uma família, na visão de Minuchin, Lee e Simon (2008) pode ser compreendida como um agrupamento de pessoas, de laços sanguíneos ou de emoção, que viveu em um mesmo meio ambiente. Neste ecossistema são construídos padrões de interação, e vivenciadas histórias que conectam as pessoas, constituindo um núcleo familiar. A família não é considerada unicamente a partir de laços sanguíneos, mas também a partir das conexões de emoções das pessoas que se unem.

Minuchin e cols. (2008) salientam que a família é conjunto de subsistemas, sendo o adulto um subsistema, e as crianças, outro subsistema. Vários outros subsistemas estão inseridos dentro de uma família, e cada família é singular. Ainda segundo os autores, cada indivíduo na família é um subsistema da mesma. As diferenças de idade criam subsistemas familiares; os adultos em uma família constituem um subsistema, as crianças, outro. Da mesma forma, há o subsistema parental, formado pelo pai e a mãe ou os adultos responsáveis pelas crianças e adolescentes; o subsistema conjugal, formado pelos cônjuges (independente do gênero de seus membros).

As profundas mudanças sociais e econômicas ocorridas nas últimas décadas levaram as famílias, assim como o contexto em que vivem, à mudança acelerada em suas configurações (Walsh, 2005). Segundo a autora, períodos de tumulto social e econômico perturbam muito a vida familiar, requerendo dessa instituição flexibilidade e resiliência para realizar mudanças em sua estrutura, papéis e dinâmica para atender às novas demandas. Há quatro tendências emergentes para o futuro das relações familiares, que desafiam a estabilidade e continuidade da família: 1) formas familiares diversas, a partir da falência do modelo de “família tradicional”; 2) mudança nos papéis dos sexos, com as conquistas das mulheres; 3) diversidade cultural e disparidade socioeconômica, com o aumento da distância entre os ricos e os pobres; 4) curso do

ciclo de vida familiar ampliado e mais variado, com o aumento da expectativa de vida e o envelhecimento da sociedade e das famílias.

Em seus estudos, Walsh (2016) apontou que as famílias, de uma maneira geral, constroem as suas normas internas de forma exclusiva, através de regras de relacionamento que podem ser implícitas ou explícitas. Os papéis na família são definidos por meio de um ordenamento de regras padrões, que são induzidas por ordem das histórias familiares e constantes transações, que irão regular os processos familiares. Os sistemas de crenças e valores em um núcleo de parentesco são a base da orientação da vida familiar.

“O desenvolvimento humano é marcado por uma constante evolução no nível individual e social. O desenvolvimento é provocado nas complexas relações do indivíduo com o meio em que está inserido, influenciando e sendo influenciado, de forma processual e constante.” (Bronfenbrenner, U., 2011).

As famílias contemporâneas são resultantes da deterioração do modal clássico, que tinha como base o matrimônio e o patriarcado, possuindo viés heteronormativo, com numerosa prole - que aferia status positivo ao casamento. Portanto, em um mundo contemporâneo, onde o sistema de crenças das famílias tem evoluído e se desgarrado de antigas crenças, ter um debate eleitoral focado em valores antigos, em detrimento de outras formas familiares, paira ao retrocesso em relação a antigos hábitos que já não são unanimidade na sociedade atual (Oliveira, 2009).

Se as famílias são constituídas além do laço sanguíneo, a defesa do tradicionalismo em detrimento de outros conceitos familiares, como as uniões homoafetivas e filhos adotivos, que não possuem necessariamente as mesmas conexões sanguíneas, gera uma distorção no discurso de Bolsonaro quando ele faz críticas ao ensino da diversidade nas escolas. A narrativa em torno de uma única tipologia familiar estimula ainda mais o preconceito nos sistemas escolares, em que pese as crianças sofrerem todas as formas de bullying e discriminação no ambiente escolar, muito disto podendo vir a ser estimulado pelas políticas públicas mal conduzidas por líderes governamentais que ignoram a ciência e estimulam as crenças pessoais.

Ramires e Vianna (2008) argumentam que a questão familiar tem uma continuidade no ambiente escolar, visto que é um espaço educacional que favorece a socialização. Entretanto, o processo de socialização não é neutro, tal processo constrói e reproduz alguns modelos comportamentais de acordo com o sistema de crenças da própria cultura. O ambiente escolar tem um papel fundamental, uma vez que são capazes de estabelecer normas, valores e padrões de comportamento, bem como significados de gênero. Portanto, os conteúdos utilizados nos sistemas educacionais estão intrinsecamente ligados a significados de gênero, produzindo preconceitos ou simplesmente omitindo-se deles.

## **MEODOLOGIA**

Este artigo tem como objetivo identificar e caracterizar o conceito de “família” apresentado pelo candidato Jair Messias Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018. Será analisada e discutida a narrativa política em defesa do modelo de família tradicional, e o não reconhecimento de outras estruturas familiares, bem como os temas abordados no que tange aos sistemas familiares e as principais pautas propostas e as críticas do candidato às políticas para a família já existentes.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e documental. Para coleta do material de análise, foram levantados vídeos de Jair Bolsonaro no período de 2017 até o final a outubro de 2018. Como critério para recorte temporal



material escolar, um pai não quer chegar em casa e encontrar o filho brincando de boneca por influência da escola, enfim, as crianças merecem respeito.” (Vídeo 14).

No trecho acima Bolsonaro atribui à escola a influência sobre a opção sexual das crianças, se autocolocando como uma salvação para que os conteúdos em sala de aula propostos pelo Ministério da Educação (MEC) não incluam temas da diversidade. Neste ponto específico, ataca diretamente Fernando Haddad (PT) que já atuou como ministro da Educação no governo da ex-presidente Dilma Rousseff (PT).

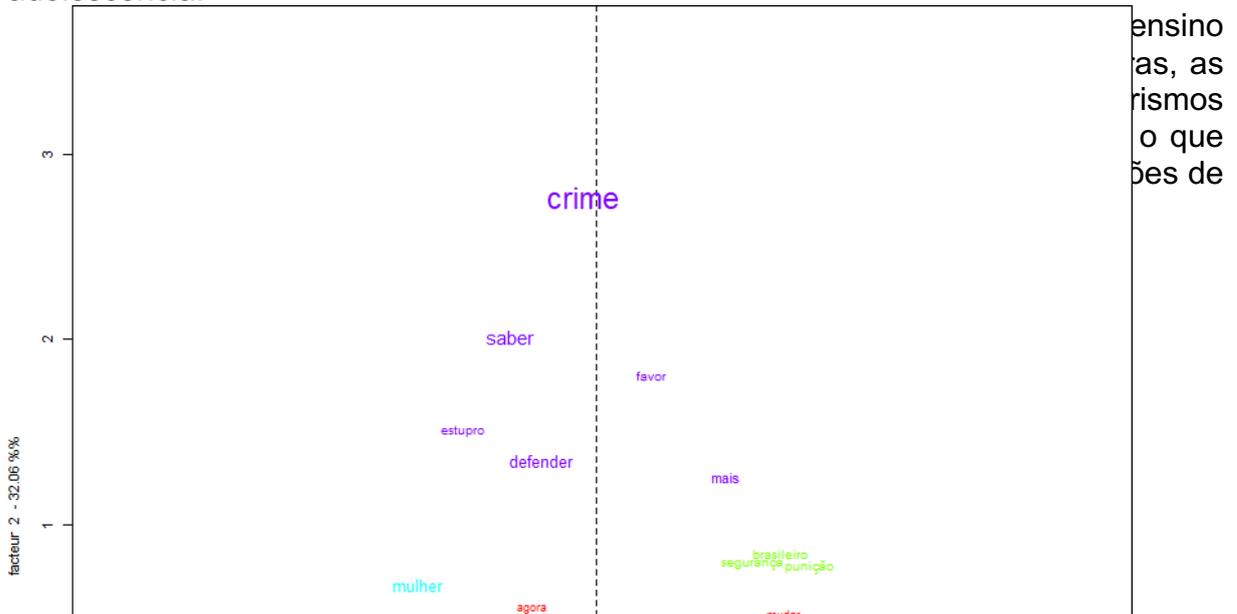
Para Ramires e Vianna (2008) o conceito de gênero também obedece a uma historicidade, de modo a visualizar através desta linha histórica a forma como se evoluiu e constituiu o saber referente as distinções sexuais, o que seria gerado através das culturas, mas também das disputas políticas. Algo que ilustra de forma acentuada a má influência das disputas políticas na construção do sentido de gênero é a própria narrativa de Bolsonaro, ao se posicionar contrário a educação sexual no âmbito da escola, de forma a induzir uma melhor convivência em meio a diversidade. Deste modo, o conceito de família está repleto de sentidos que se relacionam com as desigualdades de gênero.

O livro didático, segundo Ramires e Vianna (2008) é, nos dias atuais, um veículo propulsor de discriminações de gênero no âmbito do ambiente escolar, mesmo com todo o esforço na tentativa de formulação de políticas públicas voltadas à equidade de gênero. Desta maneira, a educação pública se torna refém do conteúdo moral deliberado pelos governantes. A influência política na educação de crianças, não deveria, portanto, ficar a cargo da classe política, mas garantir autonomia às instituições de ensino - de modo a fazer valer a ciência, e não o sistema de crenças culturais de determinado líder. Os conteúdos educativos voláteis a cada eleição estimulariam ainda mais os preconceitos de gênero e afetaria negativamente os diferentes tipos de família, principalmente se o governante em exercício priorizar certas crenças singulares a sua vivência, em detrimento de outras.

Diniz e Oliveira (2014), do departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília, no artigo intitulado “materiais didáticos escolares e injustiça epistêmica: sobre o marco heteronormativo” defendem políticas de educação que são essenciais para a criação de meios para que a diversidade seja reconhecida e respeitada. Segundo as autoras, os livros distribuídos para toda a Rede Pública de Ensino, por meio do Ministério da Educação deveriam levar em consideração todas as formas de ver o mundo do ponto de vista da sexualidade. Os materiais didáticos são fonte de representação da vida, da forma pelas quais ensinamos as crianças a viverem e a pensarem. Em nosso país

As estruturas normativas que compõem os livros escolares, bem como os filmes reproduzidos no âmbito das salas de aulas das escolas em muito reduzem a sexualidade das crianças à heterossexualidade e aos preconceitos de gênero. O objeto normativo a respeito dos ensinamentos de gênero nos sistemas educacionais de ensino e aprendizagem por meio de filmes e livros levam ao horizonte da heterossexualidade (Dinis & Oliveira, 2014). Para as autoras, a heterossexualidade é algo normalizado em nossa sociedade, e por meio de práticas públicas de beijos e abraços entre casais héteros em filmes e séries, bem como campanhas que objetivam combater doenças sexualmente transmissíveis envolvendo o aparelho reprodutor masculino e feminino, naturalizam cada vez mais na sociedade contemporânea a cultura heteronormativa, o que desdobraria na marginalização de grupos homoafetivos. Outra questão discutida por Diniz e Oliveira (2014) é a forma como a mulher e a feminilidade são tratadas no âmbito de filmes e materiais didáticos. A forma como é passado o conteúdo para os alunos vai contra a problematização das

questões de gênero, reduzindo a feminilidade à prevenção da gravidez na fase da adolescência.



O gráfico acima permite uma visualização ampla das palavras mais empregadas por Jair Messias Bolsonaro nas eleições presidenciais. Cada quadrante representa um signo textual. Nesse gráfico foram divididas quatro cores distintas, representando cada uma delas um eixo temático específico. O eixo de cor verde é o principal foco desta análise, pois corresponde aos termos referentes à família e à escola. Conforme mais expressivo o tamanho das palavras, maior a frequência nos discursos e aparições do ex-candidato.

Palavras como criança, sala de aula, inocência e família são as que se apresentam em maior volume, ou seja, são as palavras mais utilizadas na narrativa política para capturar votos dos eleitores que se identificam com a agenda política pautada em temas conservadores e tradicionalistas.

O quadrante representado pela cor azul, indica o aumento da violência sofrida pelas famílias, atribuído aos governos petistas, que seria indicado pelas palavras violência, PT, e aumento percentual. A esse respeito, as palavras PT e violência são as mais expressivas, correlacionando ambas com maior intensidade. Ou seja, o foco das palavras representadas pela cor azul indica um discurso voltado para a crítica aos governos do PT. Desta forma, Bolsonaro visa negatizar a imagem do Partido dos Trabalhadores e prejudicar a campanha de Fernando Haddad (PT).

### Gráfico 3 – Análise de Similitude

Este é o gráfico mais importante desta pesquisa, e será o mais explorado e investigado, uma vez que a análise de similitude permitirá construir um estudo qualitativo mais profundo, ligando vários segmentos de texto de acordo com a correlação entre as palavras. Este cruzamento de dados permite a ligação entre as palavras presentes no corpus textual, o que proporciona ao pesquisador analisar a inferência na estrutura de construção textual e os temas multivariados que lhes são intrínsecos. Por exemplo: estupro e mulher são duas palavras que a análise de similitude é capaz de inferir como relacionadas e, a partir disto, realizar a análise discursiva e identificar as estratégias de Jair Bolsonaro para obtenção de votos.



“Mulher” é a palavra com o maior número de ocorrências nos discursos referentes à família. Nos discursos de Bolsonaro ela aparece intrinsecamente ligada a estupro e à violência, ou seja, é uma visão da mulher como vítima e não como dona do seu próprio destino. Ligada à palavra mulher, a narrativa se constrói durante a campanha como a defesa da família e dos valores cristãos. Bolsonaro também utiliza da narrativa da violência contra as mulheres para atacar o seu principal oponente, Fernando Haddad (PT-SP), ao expor números da violência durante os governos petistas. Como no trecho abaixo:

“São números alarmantes que não param de subir, o PT no governo ficou só no discurso, veja como na prática a situação só piorou, de 2006 a 2012, durante o governo do PT houve um aumento de 600 % nos casos de violência contra mulheres.” (Vídeo 2)

Defender, família e crianças são três palavras na análise de similitude que estão correlacionadas. No discurso, além de relacionar com a violência, também vem ligada ao termo PT. Logo, Bolsonaro busca com esta relação declarar que em uma eventual vitória de Haddad, a defesa das mulheres e da família tradicional estariam ameaçadas. Ao considerar que a escola não é locus apropriado à educação sexual, o candidato também desqualifica o papel da ciência, uma vez que na escola a educação é baseada na ciência e não no senso comum. A discussão sobre a quem compete a

educação sexual de crianças e adolescentes ainda existe, embora estudos da Psicologia indiquem que o papel das duas instituições é complementar

**“Respeitamos a família brasileira, nós respeitamos a inocência da criança em sala de aula, somos contra a ideologia de gênero, nós respeitamos todas as formas de religião em nosso Brasil.”** (Vídeo 1)

O termo criança é o segundo com maior intensidade, e merece atenção especial, visto que nas questões discursivas é o grande foco do candidato do PSL. Criança aparece com maior intensidade e muito ligado ao termo vítima e a palavra PT. Bolsonaro coloca as crianças como vítimas dos governos petistas, se posicionando contrário à educação sexual de crianças nas escolas. Para Bolsonaro, a educação sexual deveria ser uma função apenas dos pais, e nunca da escola. Desta forma, Bolsonaro se posiciona contra a ideologia de gênero nas escolas e ataca a Rede Globo, que traria conteúdo sexual no Criança Esperança: “Rede Globo, não prejudique a nossa tão combatida educação,

respeitem a família brasileira e respeitem as nossas criancinhas em sala de aula, quem ensina sexo para os filhos são os seus respectivos pais e mãe, respeitem-os.” (vídeo 16).

A palavra respeito também está ligada a palavra filho, e também a homofóbico. Esta parte está mais relacionada a uma defesa de Bolsonaro ao ‘não se considerar homofóbico, e que se tivesse um filho gay, ele iria respeitar’. Bolsonaro busca com isto diminuir a rejeição por parte do público LGBT, e também como uma tentativa de capturar votos deste público. Ao mesmo tempo, acena para o conservadorismo ao dizer que não aceita que seja produzido conteúdo para a diversidade nas escolas, como neste trecho:

Hoje em dia a maioria dos homossexuais no Brasil votam em mim, se meu filho resolver ser gay, vai ser gay e vai ser feliz, agora botar conteúdo gay na escola, eu não admito colocar isso na escola. Presidente honesto que tenha Deus no coração e que seja patriota”. (Vídeo 20)

Sala de aula, PT, gay e ideologia, estas quatro palavras estão amplamente relacionadas à ideologia de gênero e a sexualização das crianças nas escolas. Isso é face ao número de críticas que Bolsonaro fez ao candidato petista, bem como as críticas ao comunismo atreladas a Haddad (PT-SP). Negar o que o candidato chama de ‘ideologia de gênero’ é negar que em nossa sociedade existem diferenças baseados no gênero e na raça. É negar a diversidade que caracteriza o povo brasileiro e as injustiças sociais com as quais convivemos.

“Você tem que ser radical na defesa dos valores familiares na inocência das crianças em sala de aula, tem que ser radical no combate ao comunismo, sou radical, e quem não tem um amigo gay”. (Vídeo 20)

Bolsonaro, no trecho acima, tenta apontar o candidato Haddad como um meio viável ao comunismo aos eleitores que desprezam tal sistema de governo, ao passo que faz enormes críticas a uma eventualidade de vitória de Haddad, que comprometeria o conteúdo do MEC, colocando em risco a inocência das crianças. Ao mesmo tempo acena como um candidato que não se considera homofóbico por ter um amigo gay. O que o candidato quer dizer com ‘defesa da inocência das crianças’? A inocência pode ser vista, de maneira equivocada, como uma forma de manter a ‘pureza e a castidade’. No entanto, pesquisas mostram que a educação sexual está relacionada com o adiamento da experiência sexual em adolescentes, menor probabilidade de gravidez na adolescência e menor probabilidade de comportamentos de risco para as DSTs (Ribeiro, 1998). Sabemos que o conhecimento dá a base racional para o comportamento, mas o papel da família na criação e influência de

normas e formas de comportamento em geral, atitude e comportamento sexual, papéis e valores é inquestionável. Por outro lado, a ignorância e a falta de conhecimento sobre a sexualidade podem estar na base dos abusos sexuais e violência contra a mulher.

Mas há que se pensar sobre 'que educação sexual estamos dando às crianças e adolescentes'. A educação sexual, seja na família ou na escola, não deve tratar o comportamento sexual de forma separada da emoção e dos demais aspectos complexos do nosso modo de vida atual. Ela é fundamental para o pleno desenvolvimento do indivíduo e um meio de prevenção de problemas tanto na área física e mental.

### **Considerações Finais**

Constitui fato evidente que a campanha de Jair Messias Bolsonaro (PSL- RJ) visou desconstruir a candidatura de Fernando Haddad (PT-SP), utilizando como narrativa discursiva a exploração do medo através da estimulação do preconceito contra a diversidade. Bolsonaro ao longo do material analisado acentuou as suas aparições públicas de forma a tecer inúmeras críticas ao conteúdo escolar nos governos controlados por partidos de esquerda, apontando como nocivo a inocência das crianças uma possível vitória do PT nas eleições presidenciais brasileiras de 2018.

Apesar da agenda conservadora, considerada por muitos como retrógrada, o discurso voltado para a defesa da família tradicional ganhou força expressiva entre os eleitores com maiores níveis de escolaridade, e esse fato chamou a atenção ao longo deste estudo. Justamente pelo eleitor de Jair Bolsonaro estar geograficamente posicionado entre os Estados com os melhores indicadores educacionais, as abstenções nas urnas, neste caso, tendem a ser maiores entre os eleitores posicionados em Estados com menores índices escolares, conforme apontamentos de Silva (2016). Tal fato prejudicou ainda mais a candidatura petista, visto o grande número de abstenções nas eleições de 2018.

Segundo pesquisa Ibope, registrada no TSE em agosto de 2018, os eleitores de Bolsonaro são em média mais escolarizados e com maior renda entre os demais oponentes. O que chama a atenção na construção deste artigo é o apoio de eleitores mais escolarizados frente à agenda política equivocada para uma sociedade pós-moderna. Bolsonaro apresentou ao longo da sua carreira política proposições voltadas ao conservadorismo e às políticas de viés tradicionalista, posicionando-se diversas vezes contrário ao diálogo, em que pese a diversidade cultural, a todas as formas de estruturas familiares e ao respeito às liberdades individuais. Para compreender como eleitores mais escolarizados utilizaram do voto em Bolsonaro, é possível recorrer a Luskin (1987) que realizou uma série de estudos pioneiros acerca da sofisticação política do eleitor.

Desta forma, Luskin (1987) salienta que a sofisticação política do eleitor possui um nível baixo em todo o território mundial. E acrescenta que a sofisticação política não está diretamente ligada aos níveis de educação do eleitorado; para ele, o eleitor sofisticado é aquele que persegue os próprios interesses, se interessa pela política, realiza leituras de jornais com o objetivo de se informar politicamente e vai em busca da informação política. Portanto, níveis educacionais não estão diretamente ligados a sofisticação política, ela independe dos níveis de educação, é algo mais voltado para o próprio interesse pela política por parte do eleitorado. Em outras palavras, muitas pessoas se interessam muito pouco pela política e isso não está ligado as

capacidades educacionais, mas pelo próprio interesse por se informar e se sofisticar nesta área do conhecimento.

Segundo Silva (2016) as democracias mais novas tendem a sofrer com maiores abstenções entre os eleitores menos escolarizados, algo que não se aplica a Europa e América do Norte. No caso do Brasil, a falta de conhecimento político e do processo decisório afeta as abstenções de forma mais acentuada entre os menos escolarizados. É importante frisar que o Brasil é considerado uma jovem democracia, uma vez que vivenciou há poucas décadas, entre 1964 a 1985, a ditadura dos militares. Desta forma, Bolsonaro se beneficiou das abstenções, uma vez que a maior fatia do eleitorado de Fernando Haddad estava concentrada na Região Norte e Nordeste, consideradas as regiões com os menores níveis educacionais.

Desta forma, o ponto central do debate sobre a família nas eleições de 2018 teve um foco mais direcionado para uma modalidade familiar simplificada e resumida à família tradicional - onde os valores e normas da igreja e das instituições tradicionais se sobrepõem às inúmeras formas de filiação que constitui objeto de estudo da psicologia. A campanha de Bolsonaro focou em desconstruir a agenda política defendida pelo candidato petista, que tinha uma linha de apoio à diversidade familiar, à união entre homoafetivos e ao aborto como política de saúde pública.

Segundo os autores sistêmicos citados anteriormente, a família deve ser analisada e estudada em seus diversos contextos, tais como escola, comunidade e diversidade cultural. No entanto, apesar do olhar da ciência sobre a instituição familiar em uma democracia, o discurso com bases pentecostais teve um foco maior nas aparições do candidato Jair Bolsonaro, como neste trecho de um vídeo em que Bolsonaro acena contra a diversidade:

“Somente a educação e o conhecimento pode libertar o povo da miséria. No dia de hoje, sábado, o jornal O Globo me depara com a seguinte matéria: diversidade será destaque na próxima edição do Criança Esperança. Um dos âncoras será o André Lazaro, que disse no tocante a diversidade “a gente ficou três meses discutindo até aonde ia a língua”. (Vídeo 16)

Bolsonaro foi o candidato mais mencionado em toda a campanha, inclusive, pelo fato de não ir aos debates, e a repercussão gerada, inclusive pela facada sofrida em um município localizado em Minas Gerais, multiplicou o alcance da imagem do candidato do PSL na imprensa. A linguagem simples, de fácil entendimento sobre assuntos do cotidiano também o favoreceu, em detrimento de discursos complexos ao entendimento do eleitorado, como a discussão econômica debatida por candidatos tradicionais na política brasileira, como Geraldo Alckmin (PSDB), Henrique Meirelles (MDB), Marina Silva (REDE) e o próprio Haddad (PT).

A utilização da estratégia de persuasão pela captura de votos dos seus afetos foi, de forma acentuada, classificar o seu principal oponente como um perigo eminente ao conservadorismo, e o teceu como uma ameaça a família tradicional brasileira. Bolsonaro aponta o ambiente escolar como um espaço perigoso aos sistemas de crenças dos pais e mães que se conceituam ideologicamente conservadoras a educação, a moral e aos costumes. Isso se torna ainda mais solidificado ao passo que a escola, como um subsistema onde as crianças dedicam uma expressiva parcela do seu tempo, teriam grande influência do ensino recebido em sala de aula, tendo pouco controle dos pais, mães e responsáveis.

A sala de aula, considerada transformadora na educação e na vida de uma nação, é classificada por Bolsonaro como uma ameaça, como um perigo, como algo que deturparia os valores da família tradicional. Desta forma, o presidente eleito se colocou como uma salvação dos valores conservadores familiares e educacionais.

Bolsonaro, pela pesquisa realizada, buscou em vários momentos estimular o preconceito dos pais e também das mães, explorando uma narrativa de que a escola poderia influenciar os filhos e as filhas a se tornarem homossexuais. Ele aponta um exemplo de uma criança do gênero masculino brincando de boneca por influência da escola, por influência da sala de aula, e desta forma, coloca o fato como possibilidade real caso o PT vencesse as disputas eleitorais. O presidente eleito, portanto, não se privou apenas a se posicionar contrário a pautas das diversidades, ele utilizou da narrativa da desconstrução do candidato petista de maneira a classifica-lo como uma ameaça a heteronormatividade.

Um tema que também tomou conta do discurso foi a suposta ideologia de gênero nas escolas. Desta forma, Bolsonaro se posicionou diretamente contrário a esta temática, ao salientar diversas vezes que esta tipologia educativa deveria ficar a cargo dos pais, e a escola privada ao ensino das disciplinas, tais como matemática, português, linguagens e humanidades. O que Bolsonaro chamou de escola sem partido, que buscava privar o professor em sala de aula a tecer comentários de cunho ideológico, reduzindo o senso crítico em sala de aula. No material coletado, Bolsonaro utiliza do discurso do conservadorismo frente a suposta ideologia de gênero:

Essa eleição ela vai ser ganha porque o mundo da ultraconservadora sociedade treme com o ultraconservador. À sociedade temia tamanha ideologia de gênero. (Vídeo 3)

No trecho acima Bolsonaro coloca o Brasil como uma federação composta por uma sociedade ultraconservadora, se colocando como um candidato representante do ultraconservadorismo. Desta maneira, Bolsonaro busca o voto conservador na educação, nos costumes baseados na família tradicional. Utilizou também uma narrativa de cunho religioso, buscando votos de fiéis e mencionando o público evangélico no seu discurso.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Brasil possui 86,3% de cristãos, sendo 22,2% do público evangélico. O que é uma grande parcela do eleitorado que poderia dar base de sustentação a campanha Bolsonarista. Desta forma, Bolsonaro utiliza da má influência da religião na política para cooptar os votos conservadores.

(Disponível em: [https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag\\_203\\_Religi%c3%a3o\\_Evang\\_miss%c3%a3o\\_Evang\\_pentecostal\\_Evang\\_ao%20determinada\\_Diversidade%20cultural.pdf](https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%c3%a3o_Evang_miss%c3%a3o_Evang_pentecostal_Evang_ao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf)).

O presidente eleito no pleito de 2018 no Brasil direcionou a sua campanha política excluindo do debate as diversas formas de filiação, como as famílias homoafetivas, casais transexuais, adoção de crianças por pais do mesmo sexo, e reduziu o debate ao âmbito normativo das igrejas, sobretudo a religião evangélica, excluindo da sua agenda de governo a promoção de políticas públicas para a diversidade e para a redução do preconceito.

No período de janeiro/2019 a outubro/2020, o que temos presenciado são ações e propostas do governo Bolsonaro coerentes com seu discurso de campanha, conforme discutimos neste artigo. Algumas ações têm sido consideradas pela sociedade, políticos e especialistas como retrógradas e até mesmo inconstitucionais. Em se tratando de diversidade no ambiente escolar, o Poder Executivo, via DECRETO Nº 10.502, DE 30 DE SETEMBRO DE 2020,

instituiu uma política de educação especial via escolas especializadas. A medida, por parte da presidência da República, visa um ambiente mais inclusivo e especializado. Entretanto, GT PSICANÁLISE EDUCAÇÃO/ANPEPP (2020) frente a

segregação de estudantes especiais em relação aos demais alunos dos centros escolares, emitiu uma nota de repúdio, alertando sobre os reais impactos na educação inclusiva, objeto de conquistas históricas dos movimentos educacionais.

Na visão do Grupo de Trabalho, o Decreto Lei apresentado fortalece a segregação de alunos com “deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, transtorno do espectro autista, altas habilidades e superdotação”. Na visão do grupo de trabalho, embora a intenção da proposta seja a de vislumbrar uma melhora no ambiente educacional, a medida retrocede, não ajudando ou melhorando a proposta anterior de educação inclusiva. Desta forma, o Decreto apresentado fere o direito a inclusão, retomando a práticas antigas e já antiquadas aos dias atuais, sobretudo frente ao avanço da ciência.

O DECRETO Nº 10.502, DE 30 DE SETEMBRO DE 2020 segue um mérito contrário as recomendações nacionais e internacionais no que fere a educação inclusiva, o que retrocederia aos avanços alcançados nos governos Lula (2002 a 2010) e Dilma (2011 a 2016). Desta forma, o GT de psicanálise se pronuncia em um momento onde há um desmonte das políticas públicas implementadas em razão de uma educação exclusiva que, ao tentar uma melhor adaptação de estudantes em outros ambientes, acaba, por fim, desfavorecendo os alunos que precisam de inclusão para viverem em sociedade; afinal, os alunos especiais, viverão, no mundo real, incluídos com todos, e não segregados como estabelece o decreto em questão.

## Referências

ANPEPP (2020). Nota de Repúdio do GT psicanálise EDUCAÇÃO/ANPEPP à institucionalização da política nacional de educação especial através do decreto nº 10.502 de 30/09/2020. Disponível em:

[https://www.anpepp.org.br/download/download?ID\\_DOWNLOAD=329](https://www.anpepp.org.br/download/download?ID_DOWNLOAD=329)

BRONFENBRENNER, Urie. Teoria dos Sistemas Ecológicos, 2011.

Censo Escolar. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: [https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag\\_203\\_Religi%c3%a3o\\_Evang\\_mi ss%c3%a3o\\_Evang\\_pentecostal\\_Evang\\_nao%20determinada\\_Diversidade%20c ultural.pdf](https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%c3%a3o_Evang_mi ss%c3%a3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20c ultural.pdf).

Datasus. Ranking de estados pela escolaridade da população, 2010. Disponível em: <http://www.deepask.com.br/goes?page=Veja-ranking-de-estados-pela-escolaridade-da-populacao>.

FALICOV, Celia Jaes. Transiciones de lá familia, p. xiv-xv. Buenos Aires: 1991.

**Editora: Amorrortu**, 1991. Disponível em

<https://pt.scribd.com/doc/259925821/Transiciones-de-La-Familia-Celia-Falicov>.

Infomoney. Bolsonaro vence em 17 Estados, Haddad vence em 8, 2018. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/politica/bolsonaro-vence-em-17-estados-haddad-vence-em-8-estados-do-nordeste-e-ciro-ganha-no-ceara/>

IBGE. Pesquisa eleitoral por estratificação. "Registro no TSE: BR- 01665/2018". (2018). Disponível em: <https://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/?tema=13&ano=2018>

JABLONSKI, Bernardo. O país do casamento segundo seus futuros habitantes: pesquisando atitudes e expectativas de jovens solteiros. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2011.

LUSKIN, Robert. Measuring Political Sophistication. American Journal of Political Science, Vol. 31, 1987, pp. 856-899 Published by: **Midwest Political Science Association**. USA, 1987.

OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra Oliveira. Família contemporânea. **Cultura acadêmica**, Unesp, SP, 2009.

OLIVEIRA, Rosana Medeiros; DINIZ, Débora. Materiais didáticos escolares e injustiça epistêmica: sobre o marco heteronormativo. **Educ. Real**. vol.39 no.1 Porto Alegre, RS, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/PnX3KXWJR3HJCvYsf4FwK5c/?lang=pt>

RIBEIRO, Maria Alexina. Comunicação familiar e prevenção de DSTs/AIDS entre adolescentes. DST Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis, 10 (1): 5-9, 1998. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=ADOLEC&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=224859&indexSearch=ID>

SILVA, Rafael. Comportamento eleitoral na América Latina e no Brasil: em busca dos determinantes das abstenções, votos brancos e votos nulos, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/169659>

WALSH, Froma. Diversidade e complexidade nas famílias do século XXI, 2016.

Estatísticas eleitorais das eleições presidenciais brasileiras. **TSE**, 2018. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/consulta-quantitativo>

Pesquisas eleitorais, comparecimento e abstenção. **TSE**, 2018. Disponível em: [http://www.tse.jus.br/hotsites/pesquisas-eleitorais/comparecimento-e-abstencao/comparecimento-e-abstencao\\_2018.html](http://www.tse.jus.br/hotsites/pesquisas-eleitorais/comparecimento-e-abstencao/comparecimento-e-abstencao_2018.html)

VIANNA, Cláudia. RAMIRES, Lula. A Eloquência do Silêncio: gênero e diversidade sexual nos conceitos de família veiculados por livros didáticos. **Revista Brasileira de Psicologia Política**, 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2008000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2008000200011)

## **Anexo 1 – Vídeos de Jair Bolsonaro selecionados para análise**

Vídeo 1 – Entrevista de Bolsonaro a TV Aparecida Vídeo 2 - Jair Bolsonaro no Programa Pânico  
Vídeo 3 - Em 9º programa, Bolsonaro apresenta sua mulher, Michelle, em defesa dos portadores de deficiência  
Vídeo 4 - 8º Programa de Bolsonaro Vídeo 5 – Muda Brasil, muda de verdade  
Vídeo 6 - Marina confronta Bolsonaro sobre desigualdade de gênero em debate da Redetv!  
Vídeo 7 - A família é a base da sociedade, vamos juntos mudar o destino do Brasil um forte abraço a todos.  
Vídeo 8 – Valores eu estou falando é de valores, é de família, é de costumes Vídeo 9 - Bolsonaro defende o fim da violência contra a mulher  
Vídeo 11 - 8º Programa De Bolsonaro Defende O Fim Da Violência Contra A Mulher  
Vídeo 12 – Jair Bolsonaro no Pânico Vídeo 13 – Jair Bolsonaro no Pânico  
Vídeo 14 - 10º programa de Bolsonaro faz ataques ao PT; militar se diz 'ameaça aos corruptos  
Vídeo 15 - Mariana Godoy Entrevista Jair Bolsonaro - 06/07/2018 Vídeo 16 – Entrevista com Datena  
Vídeo 17 - Globo usa criança esperança para sexualizar criancinhas. Vídeo 18 - Bolsonaro fala da agressão sofrida em Ribeirão Preto – SP. Vídeo 20 – O analfabetismo político de Lula  
Vídeo 21 - Bolsonaro é entrevistado por TV de Portugal  
Lembre-se: este capítulo é todo alinhado à esquerda, com fonte tamanho 12, espaço simples entre linhas, em ordem alfabética, pulando uma linha entre uma referência e outra.